

ALESSANDRO
ELOY BRAGA

RENATO RUSSO

lirismo e esclarecimento

Referência:

BRAGA, Alessandro Eloy. "Pressupostos do Esclarecimento". In *Renato Russo: lirismo e esclarecimento*. Brasília: Edição do autor. 2024, p. 9-37.

Disponível em:

<http://www.renatorussolirismoeesclarecimento.com.br>

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

FAC
FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa



1.

PRESSUPOSTOS DO ESCLARECIMENTO

*Ousa ser sábio.
Cabe à energia da coragem
combater os impedimentos que,
tanto a inércia da natureza,
quanto a covardia do coração,
opõem à instrução.*
Friedrich Schiller²

O esclarecimento é uma ação que não necessita ser prática, não precisa resultar em um produto concreto, manufaturado e palpável. Ele é, em essência, uma ação existente no mundo das ideias. Consiste, a priori, na tomada de consciência das coisas: usar a razão para conseguir retirar a si mesmo das profundezas da ignorância para emergir, enfim, para o questionamento que leva ao entendimento e à compreensão do arranjo das en-

² KANT et al (2011, p. 97).

grenagens do funcionamento do ser e do fazer social humano.

Para Mendelssohn³, o esclarecimento está, irreversivelmente, entrelaçado à cultura e a junção destes dois, no consciente do indivíduo, leva à formação:

A formação subdivide-se em *cultura* e *esclarecimento*. A cultura parece mais orientada para o elemento *prático*: (objetivamente) para o bem, o refinamento e a beleza nos trabalhos manuais, para as artes e os costumes sociais; (subjetivamente) para a habilidade, a diligência e a astúcia nos trabalhos manuais e para as pulsões e hábitos nas artes e nos costumes sociais. [...] O esclarecimento, ao contrário, parece se relacionar mais com a dimensão teórica, com o conhecimento racional (objetivamente) e com a habilidade para a reflexão racional sobre as coisas da vida humana (subjetivamente), de acordo com a sua importância e influência para os propósitos humanos. [...]

O esclarecimento relaciona-se com a cultura, tal como a teoria se relaciona em geral com a práxis, o conhecimento com a moralidade e a crítica com o virtuosismo.

³ MENDELSSOHN, in KANT et al (2011, p. 16-17).

Destas reflexões de Mendelssohn, é possível inferir que a cultura pode ser vivida sem o esclarecimento, porque ela atua no âmbito da técnica a partir da acumulação de informações e experiências utilizadas diariamente sem que haja qualquer tipo de reflexão crítica ou moralidade lançada sobre elas. A cultura pode ser apenas replicada tal como uma receita, levando sempre a um mesmo produto, sem que haja intervenções criativas ou críticas sobre ela. É por isso que qualquer pessoa pode vivenciar a cultura em graus diferentes todos os dias no cotidiano, seja nos afazeres do trabalho, seja na audição de músicas, seja na mesa de bar, seja em casa, sem que quaisquer destes momentos culturais levem a algum lugar além do mero entretenimento ou a resultados rotineiros, repetidos e esperados.

Por outro lado, o esclarecimento abarca a cultura, porque faz uso dela como objeto de análise crítica, criação criativa e destrinchamento. O esclarecimento não é fazer as coisas, mas ver e compreender como as coisas funcionam, o que elas são verdadeiramente e aonde as ações práticas e os pro-

duto humano fruto da cultura levam os seres humanos. O esclarecimento consiste na ação reflexiva sobre a informação colhida por meio dos sentidos e destrinchada pela criticidade da racionalidade com a finalidade de construir o conhecimento autônomo, a moralidade e a ética com vistas ao bem.

É preciso compreender, então, que a formação é algo constante e sem-fim. Jamais alguém poderá atingir o grau máximo da formação, porque este simplesmente não existe. Não há como conhecer tudo, pensar sobre tudo, sentir tudo ou fazer de tudo. Dito isto, o que resta ao ser humano é buscar o amadurecimento racional, emocional, crítico e ético no grau mais alto possível, o que demanda uma contínua atitude esclarecida frente ao mundo.

Historicamente, a discussão sobre a tomada de consciência crítica e autônoma da realidade das coisas simbolizada na figura do “esclarecimento”, na figura do alcance da luz e do distanciamento da escuridão das sombras da ignorância, da alienação e da servidão da manipulação, não se inicia na oposição entre Iluminismo (era da razão) e Idade das Trevas (era da religião), quando ganha, enfim,

uma forma mais definida. É um conflito que já aparece na filosofia antiga.

A analogia entre luz e esclarecimento do pensamento já aparece, por exemplo, em *A República* de Platão, no Livro VII⁴, em uma alegoria⁵ do filósofo grego, conhecida como “Alegoria da Caverna” ou “Mito da Caverna”. Nesta narrativa, a maior fonte de luz, o sol, representa a luz libertadora para aqueles que, por vontade própria e por sua própria luta, decidem agir contra a ignorância das trevas em que habitam no cárcere de uma caverna onde estavam acorrentados e eram manipulados. Um destes presos à escuridão da caverna consegue se libertar dos grilhões e decide se virar para a luz e para a amplitude do mundo e encará-los com olhos próprios, em lugar de continuar se alimen-

⁴ Cf. PLATÃO (2014, 514a – 517c).

⁵ Segundo Moisés (2002, p.15), “a alegoria consiste num discurso que faz entender outro, numa linguagem que oculta outra. (...) podemos considerar alegoria toda concretização, por meio de imagens, figuras e pessoas, de ideias, qualidades ou entidades abstratas. O aspecto material funcional como disfarce, dissimulação, ou revestimento do aspecto moral, ideal ou ficcional”.

tando apenas de reflexos limitados projetados por outrem na parede da caverna. Esta libertação possibilitará que este que age em direção torne-se capaz de estabelecer um entendimento próprio em relação a tudo o que vê e apropriar-se da capacidade de compreender o mundo sem os disfarces impostos pelos interesses de seus manipuladores.

Neste sentido, Kant, no ensaio *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?*, afirma que,

para este esclarecimento, porém, nada mais se exige a não ser a *liberdade*; e, de fato, a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa efetivamente chamar de liberdade, a saber: a liberdade de fazer *uso público* de sua razão por toda a parte.⁶

É certo que, na realidade palpável, a liberdade plena é algo inalcançável, visto que o ser humano e o próprio universo estão presos a uma série de leis e limites artificiais ou naturais que sempre relativizam as possibilidades da liberdade. Por outro lado, na mente, no espaço infinito da mente e do imaginário onde se somam pensamento, razão,

⁶ KANT et al (2011, p. 26).

sentimento e emoção, o ser humano tem a possibilidade de experimentar a liberdade em sua plenitude, sendo limitado apenas por suas próprias incapacidades individuais. É a esta “liberdade” que se refere Kant.

Ao elevar o ser humano a esta posição de senhor de si mesmo e livrá-lo do medo que fundamenta qualquer forma de submissão, o esclarecimento também atribui ao ser humano esclarecido uma imensa carga de responsabilidade que pressupõe a prática da disciplina, da honestidade, da bondade e da fraternidade.

Esclarecer-se é reconhecer não apenas o lugar individual de si no mundo, mas também seu lugar coletivo e que a preservação da liberdade fornecida pelo esclarecimento só pode ser vivida se os demais indivíduos também conseguirem se esclarecer para que a coletividade não precise mais se submeter aos perigos da ignorância, mas sobrepujá-los. “Portanto, a superioridade do homem está no saber, disso não há dúvida”⁷. Por outro lado,

⁷ BACON (1825) *apud* ADORNO; HORKEIMER (1985, p. 17).

Adorno e Horkheimer, alertam para os perigos que acompanham a busca pelo esclarecimento:

O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens.⁸

A dialética é algo inerente a tudo o que existe. Não por acaso o estado de esclarecimento exige uma atitude para ao bem e ações que façam com que todos possam atingir este estado também para ao bem. A liberdade esclarecida de apenas poucos continua sendo um aprisionamento à solidão para aos esclarecidos. O esclarecimento não é nem pode ser domínio sob a natureza ou sobre outras pessoas. Ele precisa, ao contrário, ser vivido como preservação da integridade das pessoas e das coisas, a partir da compreensão do direito destes à sua existência, à sua existencialidade e ao seu esclarecimento. Não é o esclarecimento que constitui um mal ou algo

⁸ BACON (1825) *apud* ADORNO; HORKHEIMER (1985, p. 21).

errático, mas a fraqueza e o sucumbir dos seres humanos aos interesses que podem transformá-lo em instrumento de dominação.

No ensaio *Seis perguntas sobre o esclarecimento*, o poeta Christoph Martin Wieland inicia suas reflexões respondendo a esta pergunta básica: o que é esclarecimento?

Isto [o esclarecimento] é algo que sabe todo aquele que aprendeu a reconhecer, por intermédio de um par de olhos capazes de ver, onde se encontra a diferença entre o claro e o escuro, a luz e a escuridão. No escuro, ou o homem não vê absolutamente nada, ou pelo menos não vê claramente, que é possível reconhecer corretamente os objetos e distingui-los uns dos outros: tão logo a luz é trazida, esclarecem-se as coisas, elas se tornam visíveis e podem ser distinguidas umas das outras – para isso, todavia, são requisitadas necessariamente duas coisas diferentes: 1) que a luz esteja suficientemente disponível; e 2) que aqueles que por meio dela devam ver não sejam cegos, não sofram de icterícia, nem sejam impedidos de poder ou querer ver por nenhuma outra causa.⁹

⁹ WIELAND in KANT et al (2011, p. 49-50). Extraído de ensaio, originalmente, publicado em 1789.

Não por acaso, a ideia de esclarecimento associa-se ao Iluminismo que provocou uma revolução da razão sobre a crença (a fé cega) no séc. XVIII e levou o ser humano ocidental a outro patamar de vislumbre do mundo. Esclarecimento e Iluminismo – referem-se ao pensamento racional livre e libertador como a única coisa capaz de possibilitar uma visão clara da realidade e o entendimento sobre as coisas, as relações e os fenômenos, sejam eles individuais, sociais ou naturais.

Iluminismo e esclarecimento referem-se a esta luz que somente o uso sábio sobre a razão própria seria capaz de propiciar. Iluminismo foi o movimento que usou o esclarecimento como essência para o fundamento de suas propostas. Para os iluministas,

a razão é uma força intelectual original cuja função maior é a de guiar o intelecto no caminho que o leva à verdade.

(...) a *razão iluminista* é concebida como energia ou fora intelectual, só compreensível e perceptível através da prática, isto é, do que é capaz de fazer e produzir.¹⁰

¹⁰ FALCON (1994, p. 36).

Vê-se que um princípio imprescindível da razão iluminista, assim como do esclarecimento, é a necessidade de que sua vivência seja prática e própria, ou seja, o esclarecimento só é possível mediante a experiência prática do pensamento crítico sobre o que se pretende entender, a fim de produzir um novo conhecimento e uma verdade.

Para Francisco José Calazans Falcon, o Iluminismo inaugurou “um processo que apenas estava começando – o processo de *esclarecimento* do homem”¹¹. A “luz” que precisa estar suficientemente disponível se divide em duas etapas: a primeira é a aquisição da informação, que precisa ser buscada pelos seus vários meios de veiculação e a partir da observação dos fenômenos em si; a segunda é a ação interna de enxergar e se apropriar da informação para ruminar e refletir sobre esta informação, fazendo perguntas, estabelecendo comparações, a fim de chegar a conclusões que correspondem ao conhecimento construído. A pessoa esclarecida é aquela que vê e entende o que pessoas não-esclarecidas não conseguem.

¹¹ FALCON (1994, p. 19).

Este estado de “não-ser-cego” é estar disposto – independentemente do sofrimento que isso possa vir a causar – a olhar para as coisas, a analisá-las para ver a realidade e a verdade, fundamentando-se sempre na lógica racional e crítica, na razoabilidade, na sensibilidade e na busca do bem-comum.

O esclarecimento usado para o bem é libertador e emancipador, quando vivido na soma entre racionalidade e sensibilidade. O esclarecimento, quando vivido apenas pelo aspecto da racionalidade, com vistas somente a alimentar o tecnicismo, passa a ser usado para o mal, tornando-se manipulador, escravizador e dominador e, assim, se converte, outra vez, em trevas e cegueira impostas.

Diante deste conflito, Vinicius Siqueira chama a atenção para o pensamento de Adorno e Horkheimer, que mostram que

a barbárie, com uma roupagem científica e racional, domina as esferas da vida e não é nem mesmo percebida. Chega a ser incentivada e apoiada pelas massas, incapazes de perceberem que o avanço científico trouxe consigo a permanente exploração de seus corpos e de suas almas.¹²

¹² SIQUEIRA, 2023.

De uma forma ou de outra, a pessoa que se mantém alheia ao esclarecimento está fadada à subserviência que, muitas vezes, é voluntária¹³.

Se o esclarecimento exige a liberdade e o aprendizado, há um critério essencial e determinante: o esclarecimento só pode ser experimentado e vivenciado por aqueles que se dispõem a isto. O esclarecimento não pode ser imposto, porque é libertador e exige uma ação autônoma e resulta na madureza do pensamento e dos sentimentos. É neste contexto que Immanuel Kant trata o esclarecimento como o atingir de uma maioridade:

Esclarecimento é a saída do ser humano de sua menoridade, menoridade essa na qual ele se inseriu por sua própria culpa. Menoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a condução de outrem.¹⁴

Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, durante sua obra poética, princi-

¹³ Esta perspectiva é muito bem desenvolvida na célebre obra de Étienne de La Boétie: *Discurso da servidão voluntária*, originalmente publicada em 1577.

¹⁴ KANT, et al 2011, p. 23.

palmente, a partir de seu livro *Claro enigma* (1951), se refere a esta saída da menoridade como “tempo de madureza”⁷. É neste livro que seu eu-lírico compreende sua chegada ao pleno esclarecimento.

Não por acaso, a percepção e a expressão deste tempo de madureza acontecem após o momento em que o eu-lírico de Drummond vivencia, no livro anterior, *Rosa do Povo* (1945), seu exato momento de ruptura com sua ação de *resistência* – segundo estágio do esclarecimento – para o estado de *cautela* frente ao mundo. Não há mais rebeldia, todavia a esperança ainda não se calou, embora agora esteja tímida.

É nesta obra que a esperança do eu-lírico por alguma mudança se torna apenas uma flor, solitária e frágil, mas que ainda consegue romper a dureza do rígido asfalto que insiste em recair sobre ela e a oprime, enquanto a cidade segue o fluxo do mundo sem perceber sua insólita resistência. Qualquer possibilidade de esclarecimento, libertação e mudança agora só é possível individualmente, ninguém mais segue de mãos dadas. É o segundo estágio do esclarecimento.

Já em *Claro Enigma* (1951) o eu-lírico de Drummond chega à tomada de consciência definitiva da impossibilidade de transformar a mundo por meio da ação de resistência coletiva, uma revolução das massas, nem por uma luta individual contra a “máquina do mundo”¹⁵.

A partir dessas ruptura e desilusão, o eu-lírico de Drummond abre seus olhos e sente como se o mundo se expusesse para ele, revelando suas engrenagens internas, a lógica de seu funcionamento e seu poder irreversível de dominação e manipulação da coletividade representados por ele na alegoria da “a máquina do mundo”¹⁶.

O eu-lírico de Drummond enxerga, enfim, que o Sistema é uma máquina que lança uma espessa escuridão (em oposição ao esclarecimento) sobre tudo, como Drummond propõe em um outro poema seu: “Dissolução”¹⁷:

Escurece, e não me seduz
tatear sequer uma lâmpada.

¹⁵ Título do poema de Carlos Drummond de Andrade publicado no livro *Claro Enigma* (1951)

¹⁶ Cf. ANDRADE (2001, p. 127).

¹⁷ Cf. ANDRADE (2001, p. 23).

Pois que aprouve ao dia findar,
aceito a noite.

E com ela aceito que brote
uma ordem outra de seres
e coisas não figuradas.

Braços cruzados.

Vazio de quanto amávamos,
mais vasto é o céu. Povoações
surgem do vácuo.

Habito alguma?

E nem destaco minha pele
da confluyente escuridão.

Um fim unânime concentra-se
e pousa no ar. Hesitando.

E aquele agressivo espírito
que o dia carrega consigo,
já não oprime. Assim a paz,
destroçada.

Vai durar mil anos, ou
extinguir-se na cor do galo?
Esta rosa é definitiva,
ainda que pobre.

Imaginação, falsa demente,
já te desprezo. E tu, palavra.
No mundo, perene trânsito,
calamo-nos.

E sem alma, corpo, és suave.

A noite é a escuridão que chega para
esvaziar o ser humano de qualquer luz, de

qualquer imaginação, de qualquer altruísmo, de qualquer autonomia, de qualquer personalidade, de qualquer sensibilidade e de qualquer razão, com a finalidade de tornar os indivíduos em cegos e submissos, à força desta escuridão imposta e manipuladora, de onde brota “uma ordem outra de seres e coisas não figuradas”, habitantes do vácuo.

Condicionados todos a este estado de coisas, o poeta conclui sobre esta ausência de luz: “já não oprime. Assim a paz, destroçada”. Sem identidade, sem mais pensamento, sem mais imaginação, sem mais voz e palavra, toda a inquietação e a subjetividade que antes habitavam o eu-lírico e que poderia haver em outras pessoas se dissiparam, e os indivíduos apenas desprezam a luz. Tudo se torna falsa calma: “E sem alma, corpo, és suave” no “Vazio de quanto amávamos”.

Ao compreender este agora claro enigma do mundo e que o ser humano vive em meio a um conflito, talvez, de fato, maniqueísta, entre luz (esclarecimento) e trevas (ignorância) e que, infelizmente, na história humana, a escuridão das trevas tem prevalecido sobre a luz, o eu-lírico de Drummond con-

clui que, envolto pela escuridão desta máquina que gira sem parar, a única coisa que resta ao ser humano esclarecido é amar¹⁸. Não a errônea ideia comum de amar como a satisfação individual e egoísta de prazeres vazios na qual, historicamente, insiste o ser humano, visto que isto não é o amar. Mas o amar em seu significado esclarecido, consciente, puro e universal, entendido, tomado e experimentado como luz. Amar o deserto, “amar o inóspito, o áspero, um vaso sem flor, um chão de ferro” e amar o sonho e seu próprio algoz: amar a “ave de rapina”.

Para o eu-lírico de Drummond, “este o nosso destino: amor sem conta”. O amar como ação de “doação ilimitada a uma completa ingratidão”, de doação à busca incessante e à “procura medrosa, paciente, de mais e mais amor”¹⁹. Este é o amor esclarecido. O amor como o poder de ajudar os outros a se libertarem também da escuridão e da inconsciência, mesmo diante da ingratidão da violenta reação destes contra aquele que

¹⁸ Cf. o poema “Amar”, em *Claro Enigma* (2001).

¹⁹ Todos os trechos citados neste parágrafo estão no poema “Amar”. Cf. DRUMMOND, 2001, p. 55.

tenta ajudar os demais a alcançar o esclarecimento, como ocorre na “Alegoria da Caverna” de Platão. Porque, como entendeu Étienne de La Boétie:

Antes, é preciso supor que, ao conferir partes maiores a uns e menores a outros, [Deus; se ele existe] quis dar espaço à afeição fraterna para que ela tivesse onde ser praticada, pois uns têm o poder de prestar ajuda, enquanto outros necessitam recebê-la.²⁰

Mas por que a doação a uma completa ingratidão? Platão esclarece isto em sua “Alegoria da caverna”. Aquele que se libertou das correntes e da escuridão e vislumbrou a luz do esclarecimento decidiu, em um ato de amor, de “afeição fraterna”, retornar à caverna para propagar a boa nova e ajudar os outros acorrentados a se libertarem das sombras, em lugar de usar o esclarecimento apenas para si.

Contudo estes, mergulhados na ignorância da manipulação, julgaram que o homem livre estava louco ao negar aquele *status*

²⁰ BOÉTIE (2017, p. 31).

quo e o mataram, a fim de conservar o estado de conformidade e conforto a que estavam submissos há tempos. O ato de amor do homem livre é retribuído com a ingratidão da ignorância e do medo de ser livre. Porque a liberdade esclarecida exige disciplina, responsabilidades, respeito ao próximo e postura crítica, coisas das quais a maioria das pessoas foge.

Esta mesma ideia de combate àquele que se propõe a disseminar o esclarecimento poderia se referir ao personagem Jesus Cristo no *Novo Testamento*. Em sua proposição, Cristo teria vindo ao mundo para libertar o ser humano da prisão de sua submissão ao vil poder dos homens e das coisas terrenas, indicando o amor puro e desinteressado como caminho para o esclarecimento e a consequente libertação, conclamando a todos para que amassem uns aos outros como ele, afirmou amar a todos. Há uma ação de doação consciente e esclarecida que pode ser entendida, por exemplo, no fragmento do “Sermão da montanha”, em Lucas 6:29:

Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra; e ao que te houver tirado a capa, não lhe negues também a túnica.

Como resposta ao seu altruísmo e sua abnegação, segundo a narrativa bíblica, Jesus, de maneira trágica²¹, recebeu a ingratidão e a covardia, tendo sido humilhado, torturado e condenado à morte por aqueles a quem ele veio doar-se por amor e salvar da escuridão da subserviência e do egoísmo.

Na narrativa do Novo Testamento, Jesus Cristo viveu o amor como doação a uma completa ingratidão e, até hoje, tem sua luta e sua representação subvertida em favor da manutenção da ignorância, em detrimento do esclarecimento, sendo diariamente, desde o advento do Cristianismo, sacrificado em nome da continuidade do poder da dominação de poucos por meio da ignorância de muitos.

²¹ No entendimento de Braga (2015), “(...) o trágico consiste em uma ruptura com o esperado, é uma catástrofe aterradora que se sucede pelo desvelar da manifestação da verdade que não se imaginava”. Para Braga, o trágico pode ser entendido ainda como “a ação benéfica que resulta de maneira inconsciente em infortúnio e sofrimento inesperados (...)”.

O eu-lírico de Renato Russo faz um percurso semelhante no conjunto da obra do poeta. Se em poemas como “Geração Coca-Cola”, “A dança”, “Fábrica”, “Música urbana”, “Que país é este” o eu-lírico está preocupado em denunciar as mazelas sociais, fala em provocar revoluções, demonstrando sua *resistência* – primeiro estágio do esclarecimento – em outros poemas como “Quando o sol bater na janela do seu quarto”, “Tempo perdido”, “País e filhos”, por exemplo, ele abandona o grito de revolta e as denúncias pela calma, a *cautela* – segundo estágio do esclarecimento – e apenas convida outros para olharem o sol, para amarem uns aos outros e, assim, poderem também caminhar para o esclarecimento. Mas nem a resistência da juventude, nem a cautela da meia idade resultaram em quaisquer transformações positivas e o eu-lírico, enfim chega ao último estágio do esclarecimento: a *desilusão*, que pode ser lida em poemas como “Por enquanto”, “O livro dos dias”, “Há tempos”, “L’avventura”, “Teatro dos vampiros”, “Vento no litoral”, “Andrea Doria”.

A soma do pensamento de Kant, da reflexão de Wieland, da poesia de Drummond e de Renato Russo, da filosofia de Platão e do personagem Cristo apontam para a concepção de que, em uma sociedade onde apenas poucos conseguem ser esclarecidos, as sombras continuarão a dominar. Porque o esclarecimento efetivo e pleno da humanidade só será possível quando todos decidirem, a um só tempo, se dispor a aprender, a se amar e a trabalhar para se esclarecer – situação que é apenas utópica. Enquanto o esclarecimento coletivo não ocorre, as palavras de Étienne de La Boétie resumem a questão:

É o próprio povo que se escraviza e se suicida quando, podendo escolher entre ser submisso ou ser livre, renuncia à liberdade e aceita o jugo; quando consente com seu sofrimento, ou melhor, o procura.²²
(...)

Então, que vício monstruoso é esse, que não merece sequer o título de covardia, que não encontra nome suficientemente indecoroso, que a natureza se nega a conhecer e a língua se recusa a pronunciar?²³

²² BOÉTIE (2017, p. 28).

²³ BOÉTIE (2017, p. 26).

Esta insistência do povo em sua ignorância significa a morte daqueles que se dispuseram a enfrentar as dores para buscar o esclarecimento.

Por que morte? Porque o esclarecimento somente ganha vida quando experimentado por todos ou, ao menos, por muitos, do contrário, relegado a indivíduos, ele sempre será silenciado pela majoritária ignorância e ficará, assim, sem qualquer força para se revelar.

Por que dores? Porque a autonomia e a liberdade que acompanham o esclarecimento pressupõem responsabilidade sobre si e em relação a todos os demais. Porque a autonomia pressupõe compromissos, ausência de covardia para responder por suas escolhas. Porque a liberdade exige disciplina para não infringir o espaço da liberdade de outros e para não fazer algo danoso às demais pessoas.

Porque ser esclarecido significa altruísmo, abdicar do individualismo e dos falsos prazeres manipuladores e alienadores para enxergar o mundo com todo o seu sofrimento, suas injustiças, seus males, suas falsidades, seu despotismo para, enfim, agir con-

tra todos estes males sombrios em favor da luz que emana do bem-comum.

É imprescindível compreender que o esclarecimento geralmente é um fardo, não um prêmio. Ele é uma ferida aberta, não um bálsamo. Tragicamente, embora nos liberte do controle do pensamento e da manipulação das emoções, o esclarecimento traz consigo a consciência da nossa fatídica incapacidade de derrotar o sistema controlador do mundo, de derrotar “a máquina do mundo”.

A política do *panis et circense* – pão e circo –, oficializada pelo Império Romano na antiguidade, foi plenamente resgatada e ainda com mais força no século XX, a partir da Segunda Guerra Mundial, a partir do momento em que o Capitalismo e seus pensadores aprenderam que a mais poderosa, eficiente e lucrativa maneira de escravizar as pessoas não é pela força, pela opressão explícita, pelo medo e pela dor – como ocorreu em todos os sistemas despóticos durante a história; inclusive toda a Idade Média. Percebeu-se que a forma mais eficaz de manipulação, dominação e alienação somente é atin- gida por meio da experiência exacerbada,

viciante e constante de prazeres individualizados e o consequente desejo de se alimentar de mais e mais prazeres rápidos e incessantes até o estado coletivo pleno de inconsciência e dependência. Porque o domínio pela opressão provoca uma reação, gera forças contrárias que emergem com o desejo de não sentir dor, ao passo que o domínio pela oferta de prazeres gera comodidade, anestesiamento, conformidade e silêncio.

Assim a política do *panis et circenses* é retomada, repetida, reafirmada, repensada, continuada atualizada e aperfeiçoada diariamente, agora norteadas pela vazia busca de uma utópica felicidade. Hoje o pão pode ser representado pela busca faminta pela satisfação de prazeres efêmeros ligados ao consumo desenfreado e acrítico de produtos e experiências, em todas as áreas produtivas, que sejam fontes de prazeres: os prazeres gastronômicos; os prazeres alcoólicos; os prazeres farmacêuticos; os prazeres tecnológicos; os prazeres toxicológicos; os prazeres sexuais; as anestésicas manipulações religiosas. O circo, por sua vez, pode ser representado pelo divertimento e o entretenimento fal-

samente coletivos – e, na verdade, individualizadores – criados incessantemente por uma indústria manipuladora, que trabalha para fornecer meios de satisfação da fome de prazer do público, tais como: campeonatos de futebol e outros esportes de grande público que apenas se repetem ano após ano; todas as mídias de comunicação de massa e seus programas de vazio entretenimento; as redes sociais e sua rolagem sem-fim de informações inúteis e narcisistas; a espetacularização das religiões em templos e mídias de comunicação; a pornografia em todas as suas formas de degradação; a cultura dos games; e tudo mais que transforma os costumes humanos em espetáculo para gerar lucro e poder pelo consumo, incessante e passivo, utilizado, como instrumento para desviar a atenção das verdades, do autoconhecimento, dos problemas sociais, da busca pelo bem comum, de todos os males da realidade e da própria dominação e seus mecanismos.

Desta forma, o esclarecimento não pode se resumir apenas a uma ação meramente racional construída a partir captação de informações externas ao ser humano, mas à

construção de um caráter crítico e altruísta, de um estado de consciência do mundo que precisa se fazer presente e que, por isto, emana da conjunção entre o intelectual e emocional. Ou seja, um caráter esclarecido desenvolvido pela aquisição de informações as quais são repensadas, transformadas e utilizadas a partir de ações que precisam também passar pelo filtro da sensibilidade emocional que dá sentido às coisas. Porque não é possível separar os aspectos racionais e emocionais naquilo que é o ‘ser humano’. Neste sentido, cabem bem as palavras de Friedrich Schiller:

Não basta, portanto, que todo o esclarecimento do entendimento só mereça respeito na medida em que reflua sobre o caráter, em certo sentido, ele provém do caráter, pois o caminho para a cabeça precisa ser aberto por meio do coração. A instrução da sensibilidade, portanto, é a necessidade mais urgente do momento, não apenas porque ela vem a ser um meio para tornar efetiva uma melhor compreensão para a vida, mas sim porque ela desperta a própria compreensão para uma melhoria.²⁴

²⁴ KANT et al, 2011, p. 99.

Neste momento, a Filosofia, a Poesia e a Espiritualidade²⁵ (não a religião) se complementam e geram um caráter humano capaz compreender a amplitude do esclarecimento: primeiramente se libertar, ter coragem de se servir de seu próprio entendimento racional – como entende Kant –, abrir os olhos e ver a luz, as verdades e todas as suas cores com autonomia, mesmo diante de todas as dores iniciais e conseguintes – como entende Platão –, para, enfim, por meio da vivência do amor pleno, se doar completamente ao bem comum, para ajudar os demais a também ver a luz e a alcançar o esclarecimento – como entenderam, por exemplo, Drummond e Platão e como professou Jesus Cristo na narrativa do Novo Testamento.

²⁵ Segundo Jean Bartoli (2007, p. 74), “Na história do Ocidente, as palavras ‘espírito’ e ‘espiritualidade’ distanciaram-se de seu sentido filosófico. Para os gregos, espiritualidade referia-se a uma experiência contemplativa pela qual se alcançava o conhecimento verdadeiro das coisas. Similarmente, Nietzsche defende a contemplação filosófica e espiritual como forma de vencer a superficialidade do mundo moderno.

RENATO RUSSO

lirismo e esclarecimento

Sobre o autor:

ALESSANDRO ELOY BRAGA

é Doutor ~ com distinção e louvor ~ em Estudos Clássicos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2015); Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília (2001) e Licenciado em Letras-Português pela Universidade Católica de Brasília (1995). Foi bolsista CAPES. É poeta com dois livros publicados: «Conjugações do verbo amar» (2021) e «Alma Pública» (2016); ambos os livros realizados com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Como pesquisador e ensaísta publicou o livro «A poesia brasiliense em dez atos» (2023) e os seguintes artigos: «A mitologia Greco-romana e a natureza nas representações do amor e do erotismo em Glauro de Silva Alvarenga» (2019); «A negação da autoctonia como cura para o miasma» (2017); «Perspectivas da autoctonia e suas relações com o trágico nas tragédias tebanas de Sófocles» (2017); «Autoctonia e manipulação política na República de Platão 414B-415D» (2015); «A genealogia cadmeia em Tebas» (2015); «Avaliação do ensino de Literatura por professores e estudantes do Ensino Médio» (2003).